

1. Introdução

Em Novembro do ano de 2006 ocorreu em Sevilha o IX Congresso IBERCOM, destinado a expor e a discutir variados temas sobre comunicação. Uma das questões que suscitou algum debate no congresso, nomeadamente no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação, foi em torno do tema *Media-Education* ou o binómio que MCOLopes (2006) denomina por Media-Educação problematizando as perspectivas que defendem uma Educação para os Media. Na perspectiva desta investigadora, que também participou no mesmo congresso, existe uma separação demarcada entre a Educação e os Media, que assim funcionam como dois campos distintos, mas que podem incluir-se mutuamente e ser direccionados para uma visão de cooperação na educação dos aprendentes. A exposição levantou o problema de a Educação ter falhado na alfabetização dos aprendentes no que concerne às expectativas que se criaram face aos novos media. A utilização dos novos media, principalmente os media electrónicos, (computadores, sistemas operativos, internet, telemóveis, entre outros) banalizou-se, porém, muitos educadores consideram que estes não trazem vantagens acrescidas para a alfabetização em comparação com outras estratégias de ensino. Isto prende-se não com o facto de os media apresentarem poucas vantagens que auxiliem a intercompreensão, mas com a sua deficiente utilização pelos profissionais de educação. O Ser Humano é analógico e digital por natureza; a utilização dos novos meios digitais não é condição *sine qua non* de eficácia na comunicação. Pretende-se, pois, problematizar o seguinte: há uma enorme necessidade de analisar as novas competências e capacidades emergentes e aliadas à *educação e alfabetização mediáticas*. Isto passará, fundamentalmente, pela formação daqueles que fazem da educação o seu ofício e descobrir como podem desenvolver práticas que potenciem a educação na era designada por era digital. Será que isto implicaria uma mudança radical ao nível da estrutura do ensino em geral?

A Era Digital, lembrada no discurso de MCOLopes, destaca-se pelo aumento de possibilidades de participação activa dos cidadãos; implica escolha e implica responsabilização pelas escolhas e respectivas consequências (MCOLopes, 2006). Paulo Freire, lembrado como grande vulto ligado à educação-comunicação, afirmou que a educação é uma co-construção da consciência pela interacção. Co-construção porque ela é dependente da partilha da informação com o próximo (MCOLopes, 2006). Na actualidade, para uma eficaz participação activa dos cidadãos é fulcral dinamizar as oportunidades de inclusão na Era Digital. Essa ambição pode ser atingida através da Educação Mediática e, portanto, torna-se emergente perceber o que a caracteriza e como optimizá-la.

2. A Escola é um sistema de comunicação onde o binómio comunicação-educação pode ser potenciado

A Escola é o veículo de informação institucional e os currículos são elaborados para desenvolver nos aprendentes determinadas competências. Ao educador cabe a tarefa de descobrir as melhores estratégias para tornar eficaz a compreensão da informação. Contudo o problema do ensino não é recente, pois existem dificuldades demonstradas pelos aprendentes ao nível dos processos de pensar e de construir o conhecimento. A era digital oferece à escola e à sociedade novas ferramentas que invadem o quotidiano dos cidadãos, que lhes permitem um novo espaço de comunicação. Encaram-se os novos media como invasores do quotidiano, mas também como promissores para a educação, porque motivam os aprendentes, apresentam versões do conteúdo melhoradas ou simplesmente diferentes, sendo por conseguinte novidade, entre outras vantagens aparentes. Perante as potencialidades dos novos media, seria útil promover a formação dos educadores e dos aprendentes na utilização dos novos media, para que desenvolvessem competências que lhes permitissem optimizar as potencialidades dos media. A maioria dos utilizadores são consumidores passivos e manipuladores autodidactas dos novos media. Os instrumentos disponíveis para que os indivíduos consigam cumprir a finalidade do processo da

comunicação, evoluíram a uma taxa superior à sua capacidade de adaptação. Isto implica mudar provavelmente a forma como se educa e como se é educado. Um facto é que a Escola, ainda que lentamente, está a adaptar-se à Era Digital promovendo a Educação Mediática, pelo menos nas disciplinas de Tecnologias da Informação e Comunicação. Porém, ainda se opta frequentemente pela “educação para os media” em detrimento da Educação Mediática. A Educação Mediática, ou Media-Educação (EM), é a chave para a inovação; porquê esta perspectiva?

3. “Media are full participants in our social and natural world”

Os media participam no nosso mundo social na sua totalidade; esta perspectiva apresentada pelos autores da “*Media Equation*”, surge da reflexão sobre a população humana e da sua relação com os novos meios de comunicação. Num artigo que se intitula “*Media Equation*”, Byron Reeves e Clifford Nass defendem que “as pessoas tratam os meios de comunicação como se fossem humanos (...)” que “respon demos aos meios de comunicação (computadores, televisão, Internet) como se estivessem vivos, tal como respondemos numa interacção face-a-face”. Sob isto denota-se que o processo da comunicação humana é um processo tripartido indivisível formado por três componentes: face-a-face (os actores presentes tentam a intercompreensão através do sua expressão pragmática, sintáctica e semântica); institucional (mediada pela instituições e dominada pela linguagem verbal) e a mediatizada. Os novos media, para os humanos, “para além de representarem novos lugares de comunicação (...) personificam o outro”. Assim os autores citados referem a existência da equação «*media = real life*», que se pode aplicar a todos aqueles que convivem com a modalidade de comunicação mediatizada. As implicações desta equação são discutíveis, não obstante faz-se a seguinte reflexão: não correrá a relação do educador (ou as restantes relações sociais) perigo face às relações desenvolvidas entre os aprendentes e os novos media? Que consequências advirão de não se estar adaptado e pronto para responder àquela questão? Na perspectiva dos autores da *Media Equation*, apesar dos media terem sido construídos com a intenção de constituir ferramentas para os seres humanos, ainda não houve tempo para uma adaptação eficaz aos “instrumentos” que personificam as características dos actores humanos, o que se traduz numa limitação biológica humana: a incapacidade de deixar de se comportar, perante os media, como se estes fossem humanos. E acrescentam «*there is no neural function or anatomical region designed to help humans differentiate mediated and unmediated experience and to change mental processing accordingly*» (2006, in <http://guir.berkeley.edu/courses/cs198/papers/mediaeq.pdf>). Os aprendentes parecem ignorar o educador em detrimento dos media o que pode resultar em consequências graves na alfabetização e na aquisição de competências. Mas ignorar os media não é, de todo, o melhor caminho para combater o problema. Perante isto o melhor seria investir numa consciencialização dos factos, e no desenvolvimento de estratégias para lidar com a situação. Nos currículos, os conteúdos programáticos deverão estar mais direccionados para o desenvolvimento de estratégias que permitam uma alfabetização mediática, para que os aprendentes possam valorizar os novos media de forma correcta; isto implica melhor formação dos educadores na área da Educação Digital. “À escola compete ensinar as crianças e os jovens, à educação compete formar estes cidadãos de pleno direito, activos e intervenientes. E à media compete também educar, divertir e informar os cidadãos” (MCOlOpes, 2007). A partilha na sala de aula, contudo, não deve sobrevalorizar a educação digital em detrimento de outras estratégias de comunicação. Isso seria um erro apontado pelos gregos que afirmavam que “no meio está a virtude”. Um educador na era dominada pelo digital tem de ser mais competente ainda nos domínios da comunicação e da expressão analógico-digital, nomeadamente, a expressão, o feedback, o sentimento, a emoção que só os humanos podem experimentar na presença uns dos outros, no encontro face-a-face (in <http://guir.berkeley.edu/courses/cs198/papers/mediaeq.pdf>).

4. Interação Humana – a dependência essencial do outro

Poder-se-á questionar o que é mais importante para um humano? Receber informação ou relacionar-se? Será o conteúdo da comunicação ou a partilha da mesma? Tal como escreveu MCOLopes (2004: 48) “o mais importante nos sistemas de interação (humana), não é o conteúdo em si, que circula na transacção, mas sim a relação, entendida como “um sistema interaccional de dois ou mais comunicantes no processo de definição da natureza das suas relações” (Watzlawick, 1993:110, *in* MCOLopes, 2004:48). Os autores da Teoria da Pragmática Humana, Watzlawick, Beavin e Jackson consideram “a interação como um sistema aberto e como tal sujeito aos mesmos princípios de funcionamento de qualquer sistema aberto: totalidade, não-somatividade, retroacção e equifinalidade” (MCOLopes, 2004). A análise de cada um destes princípios demonstra que a interação torna os humanos interdependentes. Isto talvez seja uma necessidade básica, que torna a aprendizagem dependente da utilização de todos os sentidos e todas as faculdades do humano, sendo a expressividade tão importante como qualquer outro elemento para a intercompreensão.

Erving Goffman referenciado por MCOLopes e Oliveira (2005) no IV Sopcom “destaca nas suas obras que comunicação é a interação e base da formação social (...) a interação é um dos processos, pelo qual se faz comunicação, através do qual os humanos se influenciam mutuamente, o que faz com que sejam interdependentes; implicando que estejam predispostos para a partilha e por isso mesmo, a interação é entendida como um percurso que permite aos seres humanos evoluírem no sentido de se aproximarem ou afastarem numa relação.” A relação que emerge da interação humana ajuda à adaptação da espécie e portanto à evolução da mesma; este facto permitirá compreender a necessidade da interação para desenvolver nos humanos competências específicas “para pensar os media como meio, mensagem e uso que da mensagem se faz, situando-a desta forma na lógica da comunicação e distinguindo-a do pensar os media como mero meio de transmissão de mensagens” (MCOLopes, 2007). O campo da comunicação é complexo em entendimento, porém comunicação é aqui entendida como “o processo e os sistema de interação (Bateson, 1977, 1980) que visa produzir a intercompreensão entre aqueles que, entre si, compartilham reciprocamente do mesmo lugar e poder de emissor/receptor/ receptor-emissor (Watzlawick e tal, 1967) seja face-a-face, seja por mediação institucional ou pelos media (Thompson, 2001) (...) É através da comunicação que se produz o conhecimento e a informação” (MCOLopes, 2007).

A interação potencia a partilha dos humanos, implica criação de relação de aproximação ou de afastamento, de pró-actividade e co-participação. Reforça-se a ideia que «a estima, a confiança, o respeito e a valorização mútua, favorecem a inter-compreensão, dão sentido à informação e tornam provável o que não o é, a comunicação. Comunicar é intervir e co-produzir realidade. A conversa, o diálogo e a negociação são estratégias discursivas que contribuem para a co-evolução de si próprio e com os outros. Comunicar com objectivo comum é dispor-se à conjugação mútua» (MCOLopes, 2004).

A estima e o respeito são apenas dois exemplos de modos de sentir que só se conseguem com recurso ao outro humano, e não unicamente a um media. Um medium qualquer que ele seja, apresenta especificidades próprias que não substituem um “pôr em comum”, nomeadamente, um ser humano é imprevisível na reacção ao receber um feedback de um outro humano, enquanto que um medium é sempre previsível, dado que está programado para responder aos comandos para os quais foi pensado; logo numa situação interpessoal ambas as partes podem clarificar as suas interpretações e reflectir sobre a sua participação na relação. A comunicação mediatizada pressupõe as outras modalidades do processo da comunicação, o que significa que não se substitui a elas. Levanta-se o seguinte problema: o que aconteceria a uma sociedade, que valorizasse,

maioritariamente, a comunicação através do digital? Como se estabeleceria a comunicação nas outras modalidades, nomeadamente na interacção face-a-face?

5. Renovar com a Educação Mediática: abraçar um novo futuro na educação

A Educação Mediática (EM) é já praticada nas escolas em pequena escala, pois a prática mais comum é a “educação para os media”. No seio da discussão no campo teórico da comunicação debatem-se na actualidade as duas perspectivas “educação para os media” *versus* “media-educação” (ou educação mediática). As duas são muito próximas, e a segunda toma forma a partir da primeira que provavelmente é sua precursora, como se entende da exposição de Buckingham (2006). Contudo a forma de as caracterizar distancia-se pelo que a primeira é vista, pela autora MCOLopes (2005) como uma “perspectiva aprisionada” e a segunda como uma “perspectiva co-participativa”.

MCOLopes apresenta a caracterização de ambas as teorias, começando pela perspectiva teórica da “educação para a media” que «se apresenta predominantemente como uma conceptualização proteccionista e defensiva que na sua essência parte da consideração de que 1) a educação e os media são duas realidades paralelas no mundo de vida dos cidadãos; 2) os media são maus e impróprios à educação; 3) a educação é boa e dispensa os media; 4) há uma oposição entre os media e a educação; 5) a educação é a estratégia para acabar com os malefícios dos media; 6) a educação para os media faz-se através da instrumentalização dos media no ensino; 5) dá destaque ao acesso aos media como instrumento de educação e de ensino e é omissa relativamente à promoção da participação activa; 7) a escola é o lugar do exercício dessa instrumentalização; 8) o sentido de causalidade do conceito de informação é dominante na compreensão da natureza da relação da comunicação, aqui entendida como transmissão linear da mensagem, o que é fonte de confusão generalizada; 9) pode induzir ao desenvolvimento de uma relação tensional negativa destruidora e defensivamente fundamentalista; 10) o tipo de prática de mudança que ocorre é, predominantemente, de tipo I (*vide* Teoria da Mudança *in* MCOLopes, 2005). Buckingham (2005: 28) refere que o desenvolvimento e o aparecimento da EM forma parte da democratização. Os meios são importantes para validar a cultura dos estudantes pois os jovens contactam com eles e a partir deles constroem conhecimento espontâneo, criam ideias e convicções. Assim, em muitos aspectos, os media são parte integrante e importante nas suas vidas, são a sua janela para o mundo, para o estilo, a moda, os movimentos da juventude, gostos, publicidade, etc. Os currículos educativos, na Grã-Bretanha foram explorando e apelando para esta vertente, mas obedeciam a um objectivo: de imunizar ou proteger os aprendentes contra os efeitos negativos dos media (acusados de promoverem violência, atitudes racistas, falsas crenças) e isto foi dinamizado mais através da perspectiva “aprisionada” da “educação para os media”. A educação pretendia fortalecer as crianças e equipá-las com a competência de análise crítica relativamente às influências que os meios tentam imprimir. Assim um objectivo desta perspectiva era desmistificar os meios, criando crianças “consumidores” mas “racionais”, capazes de observar os meios de forma «crítica» e distanciada (Buckingham, 2005:28-32), assegurando a sua adaptação aos media. Contudo o ímpeto de defender as crianças contra a “má influência” dos media não parece ser, para alguns investigadores, o mote principal para a promoção da educação na Era Digital.

No capítulo sobre o “novo paradigma” do livro *Media Education*, Buckingham (2005:34) refere que dispõe de “provas que na actualidade os professores mais jovens, que já cresceram com os meios electrónicos, mostram atitudes mais relaxadas: (...) expressam maior entusiasmo acerca do uso que os jovens fazem dos meios como forma de expressão cultural”. Para esta geração de educadores a EM serve mais para preparar as gerações novas para a Era Digital. A valorização desta perspectiva promoverá uma boa adaptação aos media, uma «cidadania democrática» de gerações co-participativas e pró-activas nas questões da sua actualidade, de forma consciente, crítica,

responsável, reflexiva e criativa. “Os meios digitais – e muito especialmente a Internet – aumentam significativamente as possibilidades da participação activa (...) para a grande maioria das crianças, que não podem desfrutar destas oportunidades teme-se o perigo da exclusão e da privação de direitos” (Buckingham, 2005: 38). Assim surge a “media educação” ou educação mediática (EM) que segundo MCOLopes: 1) afirma-se como um binómio indivisível e não somativo cuja conexão constrói uma identidade própria; 2) dá grande importância aos contextos situacionais (Lopes, 1998); 3) operacionaliza o reconhecimento do estatuto da criança como agente activo da sua própria formação e desenvolvimento; 4) a participação activa, crítica e co-produtiva é a sua característica essencial; 5) destaca a complementaridade de missões entre a escola e a media; 6) favorece a co-produção da intercompreensão, o ideal da comunicação gerando reciprocidades, alargando o âmbito da causalidade da mensagem transmitida pela participação significativa; 7) favorece o compartilhar da experiência concreta da relação e interacção comunicativa com os media nos mundos de vida das crianças; 8) promove a moral de cooperação activa; 9) promove os valores referidos ao humano e subjacente à declaração Universal dos Direitos do Homem; 10) é indutora de uma relação tensional positiva, mobilizadora da mudança orientada por um quadro de referência adequado à contemporaneidade da sociedade de comunicação; 11) o tipo de prática de mudança que predominantemente ocorre é a de tipo II (*vide* Teoria da Mudança in MCOLopes, 2005)» (MCOLopes, 2007).

A autora faz questão de destacar que as duas concepções apresentadas são qualitativamente diferentes uma da outra. A “educação para a media” «dinamiza um tipo de pensamento disjuntivo que é subordinado à lógica da interacção que fragmenta e separa a realidade “educação” dos “media”, colocando-os como se dentro de caixas, gerando, assim, a necessidade de promover uma ligação entre as duas caixas através de um “para” por onde se inter-relacionam, mantendo-se, nessa abertura, o mesmo tipo de pensamento em circuito paralelo de sentido único e alternado, ora no sentido do movimento que se inicia na educação e se dirige para a media, ora no sentido da media para a educação» (MCOLopes, 2005). MCOLopes (2007) denomina esta perspectiva de “aprisionada” «dado que enclausura os media e a educação em dois campos exteriores um ao outro, derivando daí a necessidade de se criarem intercepções para a inclusão de um no outro. Desta perspectiva, deriva, também, a consideração de que os media são uma escola paralela». Já a segunda perspectiva, media-educação «mobiliza, na sua essência, dois tipos de pensamento, o sistémico, subordinado a uma lógica da interacção conjuntiva, sendo um pensamento que religa o que está separado institucionalmente, e o criativo que subordina o pensamento a uma lógica da interacção criativa. Os dois tipos de pensamento e ambas as lógicas conjuntiva e criativa complementarizam-se e simetizam-se no contexto situacional que os integram, cruzando-se nele a lógica disjuntiva. Nesta totalidade pragmática o pensamento plural segue e prossegue na experiência concreta, o fluxo das interacções e das inter-mediações que os cidadãos, na sua condição comunicativa, e manifestação co-participativa estabelecem, mantêm, criticam, rejeitam, reclamam na idade da media (Lopes, 2005)». Assim, MCOLopes, (2007) denomina a EM também de “perspectiva coparticipativa”.

O conceito de Educação Mediática é clarificado por Buckingham (2005: 20) que no seu trabalho sublinha que os textos mediáticos combinam com frequência várias «linguagens» ou formas de comunicação: imagens visuais (imóveis ou com movimento), linguagem auditiva (som, música, ou palavra/discurso/fala) e escrita; e que a EM se propõe desenvolver uma competência de base ampla (de adaptação), não relacionada exclusivamente com a letra/palavras/texto impresso, mas também com estes outros sistemas simbólicos de imagens e sons. Acrescenta ainda que *esta competência aparece descrita como uma forma de alfabetização fundamentando que no mundo moderno a «alfabetização mediática» é tão importante para os jovens como a alfabetização tradicional que os capacita para interpretar a letra impressa.* O autor apresenta a EM como o processo de ensinar e

aprender acerca dos meios de comunicação; sendo a alfabetização mediática (AM) o resultado da acção de ensinar e aprender acerca dos meios, constituindo-se do conhecimento e das capacidades que adquirem os alunos. Clarifica que a AM *implica necessariamente «ler» e «escrever» os meios.*» (in Anastácio, 2006:82).

Grandes dúvidas se levantam no panorama educativo português: saberão os professores de toda esta miríade de conteúdos. Saberão distinguir *educação para os media* de *educação mediática*? Será que se preocupam com este conjunto de questões? Acredita-se que muitos docentes não farão a distinção entre EM e tecnologia educativa. Talvez porque no curso base não se explica sequer o que significa EM. A tecnologia educativa não promove a AM da mesma forma que a EM. A EM diz respeito ao ensino e à aprendizagem “acerca dos meios. Não deveria ser confundida com o ensino *por meio de* ou *com* os meios. Naturalmente estas ferramentas educativas também oferecem “versões ou representações do mundo”, mas esse é um uso instrumental dos meios como “recursos didácticos” (Buckingham in Anastácio, 2006). Existe um entusiasmo contemporâneo pelas novas tecnologias na educação, onde os meios se vêm como ferramentas neutras ao serviço da «informação». Contudo, mesmo possuindo um meio mais avançado que o quadro ou o livro, é provável que muitos professores estejam a fazer “ensino por transmissão” com recurso aos computadores e às suas ferramentas. A barreira entre isto e a EM é ténue, basta que se promovam contextos dinâmicos onde os aprendentes sejam actores pró-activos e co-participativos na sua alfabetização, mas isso, obviamente dá trabalho, é exaustivo e implica incluir nos programas de ensino as estratégias adequadas. Responsabilizar os professores seria incorrecto, contudo questioná-los sobre quais as suas orientações acerca desta problemática é não apenas útil, como necessária à Sociedade da comunicação.

6. Propostas de pensamento

Novembro de 2006, mês de novas experiências e de debate de novo conhecimento num congresso Ibercom. No seio de uma plêiade de conhecedores do campo da comunicação discutiu-se a importância da Era Digital, afirmou-se a preocupação em entender uma forma de incluir os novos media na educação, com intenção de melhorar a aprendizagem. De uma reflexão posterior sobre o ouvido, conjuntamente com o conhecimento previamente adquirido levantam-se questões face ao panorama educativo português. Assim se destacam alguns pontos, para poder ajudar a reflectir melhor o que fazer em Portugal face a preocupações de índole global, no que diz respeito ao universo da Comunicação-Educação:

Vivemos uma Era Digital da comunicação, que se destaca pela participação activa dos cidadãos, porque implica escolha e responsabilização pelas escolhas e suas consequências;

A Educação é um processo público e social de comunicação, cada vez mais multimidiático, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar;

O novo binómio Media-Educação (ou Educação Mediática) implica reflexão sobre como usar os media para a intercompreensão também em contexto de sala-de-aula, dado que o binómio destaca que, hoje em dia, os media estão incluídos na Educação, mas também, que a Educação está incluída nos media. Os dois processos são interdependentes, logo deverão ser valorizados equitativamente para a intenção de fazer aprender. Primeiro, porque fazem parte do quotidiano, segundo, porque têm imensa potencialidade para educar, resultando em efeitos positivos ou negativos para os aprendentes, efeitos esses que deverão ser sinalizados e explorados;

Só adoptando a ideologia por uma Educação Mediática se promoverá uma alfabetização mediática, essencial para preparar a inclusão dos humanos na Era Digital e os colocar no plano social como indivíduos co-participativos e pró-activos;

A alfabetização mediática implica uma adaptação do humano aos media, i.e., ajuda-o a distinguir o verdadeiro valor entre o conteúdo/relação que pode estabelecer com um media e com um humano. Prepara-o para a participação activa e para a compreensão crítica dos temas que afectam a sua sociedade. Ajuda-o a tomar consciência da «*Media Equation*» que Byron e Nass defendem existir, e portanto, permite-lhe ultrapassar uma limitação, ou seja, evoluir.

«À relevância dada à perspectiva co-participativa acrescenta-se que a sociedade de comunicação é uma sociedade de participação, sendo por isso a participação um conceito central nesta abordagem da realidade. A participação envolve o uso da consciência, por isso os autores referidos destacam a media educação como um pré-requisito da cidadania activa. Referenciando-se o estudo de Patrícia Mclagan e Christo Nel, a participação é escolha, influência significativa, activismo e diversidade “ a participação é uma escolha que envolve escolhas” (2000:224) bem como a responsabilidade por essas escolhas e pelos efeitos delas decorrentes. Deste modo, a participação é uma co-produção que se orienta pela moral activa de cooperação que se distingue da moral passiva da coerção, dado que a participação é uma influência significativa, não apenas intencional mas também conscientemente exercida de uns face aos outros, podendo, por isso, ser positiva a construção social da identidade, ao ponto de se poder organizar essa identidade e a experiência individual e social como, pelo contrário, poder destruí-la. Contudo, a participação “convida a uma influência significativa”(ibid:231) que exige um feedback rápido e o exercício permanente da metacomunicação (Watzlawick et al,1967), envolvendo todos os que da mesma situação compartilham activamente, num reconhecimento que esta co-participação estimula a “reflexão profunda e apaixonada sobre aquilo em que (se) acredita (...) convida a desenvolver ideias e opiniões e a defendê-las sem medo de represálias” (Patrícia Mclagan e Christo Nel, 2000:228), a estabelecer sinergias com a diversidade de perspectivas e a promover o respeito e a convivialidade inter-seres valorizada por cada humano na situação. Por último, a perspectiva media educação é geradora de uma atitude insubmissa face ao conformismo da moral de coerção e de passividade, afirmando-se no fluxo e refluxo das lógicas de interacção sistémica, criativa e disjuntiva, da co-produção da cooperação que interroga, critica e propõe alternativas, encorajadora do papel social, criativo e solidário das crianças e dos jovens na contemporaneidade» (MCOlopes, 2007).

O Ser Humano é analógico e digital por natureza. Na Era Digital o Humano é obrigado a reflectir e a questionar-se sobre a inovações tecnológicas e as suas potencialidades, nomeadamente, dos novos media, contudo não poderá abstrair-se e esquecer que a interacção com os outros é essencial para o seu processo de aprendizagem, que a interacção inter-pessoal, face-a-face presencial não é substituída pela comunicação inter-pessoal mediatizada

O exposto não tem como objectivo apresentar uma crítica aos media, nem idolatrar a Media-Educação. A intenção centra-se na reflexão e questionação que visa a procura de um conjunto de orientações e de procedimentos que possam otimizar o processo da comunicação, tendo em conta a condição de Ser do Humano com todas as suas limitações, capacidades de aprendizagem, e potenciar o desenvolvimento de novas competências que tornem a sociedade que constroem, no presente e por via deste, no futuro, cada vez mais humanamente sustentável e sustentada pela intercompreensão na sua esfera/era social.

Bibliografia

Anastácio, R. S. (2006). «Criatividade e Comunicação da Ciência: Estratégias Criativas para Comunicar Noções Básicas de Hereditariedade do Programa de Ciências Naturais do 9º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico». Tese de Mestrado da Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas. Aveiro, Universidade de Aveiro.

- Lopes, M. C. O. (2004) *in* Apontamentos Teóricos da 1ª Sessão Plenária do IX Congresso Iberoamericano de Comunicação – IBERCOM 2006, decorrido na Universidad de Sevilla, na Facultad de Comunicación.
- Buckingham, D. (2005). «Education en medios: Alfabetización, aprendizaje y cultura contemporânea». Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.
- Lopes, M. C. O. (2004). Comunicação humana: Contributos para a busca dos sentidos do Humano. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Lopes, M. C. O. (2004). Ludicidade humana: Contributos para a busca dos sentidos do Humano. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Lopes, M. C. O. e OLIVEIRA, I. G. (2005). Acção, emoção e confiança: o Projecto Direitos Humanos em Acção – um caminho de aprendizagens e mudanças a fazer acontecer um novo mundo, praticando valores do Humano. Livro de Actas do Congresso 4º SOPCOM. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Lopes, M. C. O. (2007). «Mídia educação, a perspectiva co-participativa que se distingue da perspectiva aprisionada da educação para a mídia». Artigo apresentado no X Colóquio Internacional de Comunicação – Regiocom, sob o tema Desenvolvimento Regional, sob o painel “Dilemas educacionais na idade mídia: da inclusão midiática na escola à mídia como escola paralela”.
- Oliveira, I. G. e Lopes, M. C. O. (2005). Design de criatividade – uma abordagem sistémica na análise compreensiva da promoção e desenvolvimento da criatividade no quadro da experiência criativa e da pragmática de aprendizagens e de mudanças – contributo teórico da Escola de Pensamento de Palo Alto. Livro de Actas do Congresso 4º SOPCOM. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H. e Jackson, D. D. (1967). Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interacção. São Paulo, Editora Cultrix.
- Reeves, B. e Nass, C. *in* <http://guir.berkeley.edu/courses/cs198/papers/mediaeq.pdf>, consultado no ano de 2006.